



LETRAMENTO(S) DIGITAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: IDAS E VINDAS NA ESCOLA

Anderson Rany Cardoso da Silva*

Instituição de ensino: Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre propostas de letramento digital através de uma revisão de literatura sobre o assunto e analisar o que caracteriza o letramento para depois partir ao letramento digital propriamente dito, uma vez que aquele possui diversas conceituações e uma delas é a digital. Dessa forma, tentando explicar como se dá o letramento digital e se este já faz parte das práticas em sala de aula dos professores. Além disso, é válido ressaltar que o trabalho teve a preocupação de fazer a diferenciação entre letramento e alfabetização, sendo estes diferentes, mas não superiores um ao outro. Defende-se o fato de que trabalhar na perspectiva de letramento é trabalhar com práticas sociais para que os professores possam aprimorar suas práticas pedagógicas e assim, transformar a sala de aula em um ambiente de interação constante entre professores e alunos. Diante disso, há alguns aspectos que englobam o letramento digital, como: a relação dos professores com o meio digital, se ela é ou não familiar e caso não seja, como deve ser a familiarização dos profissionais da educação com os recursos tecnológicos que dão suporte, atualmente, ao processo de ensino-aprendizagem e a aquisição de novas práticas de leitura e escrita. Para a realização do presente artigo de revisão de literatura foram seguidas as orientações teóricas de Rojo (2009, 2011), Soares (2002), Mortatti (2004) e Freitas (2010). Com o levantamento bibliográfico é possível apontar que os professores atuantes na educação básica ainda, infelizmente, não têm contato com o letramento digital ou estão sendo inseridos nessa modalidade de letramento.

Palavras chave: Letramento. Letramento digital. Formação de professores.

INTRODUZINDO O TEMA

Desde os primórdios o termo alfabetização sempre esteve presente nos meios sociais, até mesmo porque ela foi iniciada pelo Padre José de Anchieta em 1553 quando o mesmo começou a transcrição alfabética e a gramaticalização da língua tupi, considerada a mais comum entre os povos dessa época, todavia, com o passar dos anos e a aquisição de novas ferramentas de leitura e escrita, passou-se a entender que letrado não era apenas uma pessoa alfabetizada, mas sim aquela que sabia adequar suas práticas de leitura e escrita ao contexto social, pois segundo Soares (2009, p. 96) o letramento “é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. Diante disso, é de suma importância falar que o mesmo possui

* Discente do curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do subprojeto Letras-Português do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/ UEPB/ CAPES) e pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/ UEPB/ CNPq). (E-mail: andersomrany123@hotmail.com).





inúmeras conceituações e por esse motivo deve ser tratada como *letramentos* e não único e exclusivamente letramento.

Diante do exposto, uma dessas conceituações tem relação direta com o meio digital e a forma de como se dá o processo de aquisição de novas práticas de leitura e escrita na sociedade e é sobre o letramento digital que o presente trabalho vai tratar. Logo, o artigo justifica-se no fato de que essas novas práticas influenciam diretamente quando o assunto envolve as diversas formas que propiciam o letramento em comunidades, sejam elas quais forem, uma vez que o advento de suportes tecnológicos ainda é, infelizmente, desconhecido por muitos e o pior, por alguns professores, principalmente os que estão na educação básica que deixam de renovar suas práticas pedagógicas pelo fato de não terem conhecimento de como manusear as ferramentas digitais, como *slideshow, tablets, smartphones*.

Levando em consideração o que foi dito, o objetivo do trabalho é analisar e refletir sobre propostas de letramento digital através de uma revisão de literatura, tendo como ponto de partida o que é dito por alguns teóricos no meio acadêmico sobre o assunto citado. Além disso, explanar como se dá a formação de professores a partir do letramento digital. Sendo uma pesquisa de cunho bibliográfico, possui alguns alicerces teóricos, entre eles: Rojo (2009, 2011), Soares (2002), Mortatti (2004) e Freitas (2010). Será tratada a visão deles sobre o letramento, como o professor hoje se relaciona com os meios digitais e a perspectiva de que o letramento digital é um caminho para a formação continuada de diversos professores que estão em exercício na educação básica.

ENTENDENDO SOBRE LETRAMENTO(S)

A escola e ao professor cabem inovar os métodos de ensino de acordo com a modificação das ferramentas de ensino-aprendizagem e o tempo é o principal responsável por essas mudanças. Com isso, é válido ressaltar, de antemão, que o letramento é a:

“Capacidade de ler e escrever, e isso parece bem simples. Mas não é. Entre os dois extremos constituídos pelo domínio magistralmente perfeito da leitura e escrita, de um lado, e pelo completo não letramento, de outro, encontramos um número infinito de estágios intermediários: o letramento é gradual.” (MORTATTI, 2004, p. 46).

A partir daí, observa-se que o letramento não é apenas o simples fato de um indivíduo saber ler e escrever, mas sim aquele que sabe adequar suas práticas de leitura e escrita ao meio social. Sobre isso, “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas





são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade.” (SOARES, 2002, p. 144). Diante do discorrido, o letramento, ou melhor, letramentos seriam práticas sociais de leitura e escrita e para melhores esclarecimentos é imprescindível que haja a diferenciação entre letramento e alfabetização.

“Letramento é [...] o contrário de *analfabetismo* [...]. Se analfabetismo é, como habitualmente definido nos dicionários, o *estado de analfabeto* (cf. Michaelis, *Moderno dicionário da língua portuguesa*), o *estado ou condição de analfabeto* (cf. *Novo Aurélio Século XXI* e *Dicionário Houaiss* da língua portuguesa), o contrário de analfabetismo – alfabetismo ou letramento – é o *estado ou condição de quem não é analfabeto*. Aliás, na própria formação da palavra *letramento* está presente a idéia de *estado*: a palavra traz o sufixo *-mento*, que forma substantivos de verbos, acrescentando a estes o sentido de “estado resultante de uma ação”, como ocorre, por exemplo, em acolhimento, ferimento, sofrimento, rompimento, lançamento; assim, de um verbo *letrar* (ainda não dicionarizado, mas necessário para designar a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e de escrita, para além do apenas ensinar a ler e a escrever, do alfabetizar), forma-se a palavra *letramento*: estado resultante da ação de *letrar*.” (Id, p. 146).

Ainda de acordo com a autora, pode-se falar sobre a diferença entre alfabetização e letramento, contudo não sobrepondo um termo ao outro, uma vez que não existe relação de superioridade ideológica entre eles. Diante da exposição de ideias, o letramento é saber ler e escrever, mas respondendo adequadamente as demandas sociais de leitura e de escrita.

LETRAMENTO DIGITAL: O que é? Como se dá?

Sabendo da existência do letramento e de suas diversas conceituações e que uma delas é o letramento digital o qual deve “oferecer ao aluno-professor oportunidades de reestruturação de seus modos de aprender” (ROJO, 2011, p. 111). Ou seja, para aqueles professores que estão em constante aprendizagem, o letramento digital é uma diretriz para que eles possam reestruturar seus métodos de aprendizagem, porém o profissional deve está inserido em uma nova cultura de comunicação e que ele “inicie um processo de vivência em uma cultura escolar digital.” (ROJO, 2011, p. 111). Ainda ao que diz respeito sobre letramento digital o qual pode ser considerado:

“[...] Um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.” (SOARES, 2002, p. 151).





A partir disso, o letramento digital envolve os novos meios de comunicação presentes em nossa sociedade, principalmente quando se fala em tecnologia digital. Hoje, as práticas de leitura e escrita estão se dando, na maioria das vezes, através de uma tela, diferente de outros tempos em que escrever e ler eram restritos ao domínio do papel.

Pelo que foi dito, “Letramentos digitais constituem formas diversas de prática social que emergem, evoluem, transformam-se em novas práticas e, em alguns casos, desaparecem substituídas por outras.” (FREITAS, 2010, p. 339). Com isso, o letramento digital está associado ao meio virtual, uma vez que não envolve apenas uma prática e sim várias e ainda, elas não são concretas, elas passam por processos de evolução e transformação.

Quando se fala em desaparecimento de práticas, pode-se elencar que algumas práticas de leitura e escrita foram dando espaços para outras práticas sociais, pois o domínio da tela, na maioria das vezes, está sobrepondo o papel. Quanto ao contexto de sala de aula, é válido dizer que o quadro branco está sendo substituído, em algumas situações, pelo projetor, o que tem resultado em aulas dinâmicas. Porém, seria estranho e errado falar no desaparecimento da lousa. Segundo Rojo (2011) “As mudanças dizem respeito à adoção, pelo professor-aluno, de modos mais colaborativos de trabalho, dinâmicas mais compartilhadas em ações de decisão e adequação do trabalho ao contexto de suas necessidades reais” (ROJO, 2011, p. 111). Isto é, o trabalho com esses novos métodos de ensino estariam tornando as aulas mais dinâmicas, prendendo a atenção do aluno e tornando as aulas mais proveitosas a partir do momento em que a inovação e adoção de tecnologia remetem a um espaço novo de ensino-aprendizagem, diferente daquele composto apenas por giz e quadro. Mas é importante dizer que nem sempre os métodos tecnológicos são satisfatórios, uma vez que a relação destes com os professores não é harmoniosa.

A RELAÇÃO DO PROFESSOR COM O MEIO DIGITAL

O professor, hoje, possui uma gama de ideias para influenciar suas práticas pedagógicas e diante de tantas possibilidades, muitos acabam optando pelo meio tradicional. Para isso, Freitas (2010, p. 337) dirá que “usar a tecnologia digital, ferramentas de comunicação e/ou redes para acessar, gerenciar, integrar, avaliar e criar informação para funcionar em uma sociedade de conhecimento”, em outras palavras, o docente deve fazer uso da tecnologia digital para, principalmente, integrar o aluno ao meio digital e assim, inserir a comunidade escolar na chamada cultura do conhecimento.





Ainda sobre o assunto, o professor em sala de aula deve está atento para as mudanças que, diariamente, as práticas de leitura e escritas sofrem, pois segundo Soares (2002, p. 146):

“Estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a Internet. É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o *estado ou condição* que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel.”

A partir do que foi dito, é hora do professor ficar atento às mudanças que, na maioria das vezes, ocorrem bem aos olhos do docente, porém são invisíveis, já que muitos profissionais ainda não criaram relações familiares com os meios digitais. É preciso criar, segundo a autora, condições necessárias que conduzam ao trabalho com essas novas práticas de leitura e escrita que em algumas situações, como foi dito anteriormente, estão restritas a tela e não mais a escrita tipográfica, ou seja, aquela padronizada. Hoje, o computador amplia as formas de trabalho que envolva práticas de letramento. Diante disso, o professor deve entender que:

“No computador, o espaço de escrita é a tela, ou a “janela”; ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas do códice, quem escreve ou quem lê a escrita eletrônica tem acesso, em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela: o que está escrito antes ou depois fica oculto (embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado de outra, mas sempre em número limitado). O que é mais importante, porém, é que a escrita na tela possibilita a criação de um texto fundamentalmente diferente do texto no papel.” (SOARES, 2002, p. 150).

Ainda é estranho para os professores, principalmente, àqueles que estão há muito tempo em sala de aula compreender e aceitar os novos paradigmas que envolvam o ler e o escrever. Quando Soares (2002) cita um texto fundamentalmente diferente do texto do papel, ele fala sobre um dos movimentos textuais no meio virtual que é o hipertexto, “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor” (Soares, 2002 citado por Levis 1956, p. 150). Os hipertextos são fundamentais para o processo de leitura que envolva textos que estão restritos a tela do computador, pois eles fazem com que o leitor entenda melhor partes textuais que estão incompreensíveis através da abertura de novos textos que possuem a finalidade de complementar lacunas que insistem em permanecer no desentendimento do leitor.

Mas o fato dos professores não conhecerem os novos paradigmas de leitura e escrita, não estarem adaptados ao meio digital e ainda não possuírem afinidades com termos que envolvam a





tecnologia, não é motivo para desespero, pois iniciativas governamentais estão sendo tomadas, Rojo (2011, p. 108) dirá que:

“Em um movimento semelhante ao das políticas e dos programas de aumento de acesso à escola, as condições de acesso às novas tecnologias vêm sendo propiciadas por muitas e vultosas iniciativas governamentais. O exemplo mais significativo entre as ações de ampliação de acesso à tecnologia é o PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação, dedicado à introdução das novas tecnologias de informação e comunicação na escola pública, como ferramenta de apoio ao processo ensino-aprendizagem.”

A partir disso, sabe-se que o professor, apesar de não ter relação direta com as novas tecnologias, ele já possui um aparato advindo do governo, principalmente o federal, o qual auxilia, introduz e dá condições cabíveis para que os profissionais da educação possam fazer das tecnologias da informação e comunicação uma diretriz para suas práticas em sala de aula. Dessa forma, melhorando suas aulas e não ficando presos às amarras tradicionalistas que perduraram durante anos.

Dessa forma, atualmente tem se falado bastante em formação continuada aos professores que não têm conhecimento de como manusear as novas ferramentas tecnológicas presentes no seu meio de trabalho, mas que estão em sala de aula como forma de proporcionar um auxílio quando o assunto é tecnologia.

LETRAMENTO DIGITAL: Uma proposta de formação continuada a partir dos meios digitais

O letramento digital tem se dado como uma proposta de formação continuada para professores, uma vez que “trata-se de aprender, pensar práticas docentes e planejar transformações com tecnologia, isto é, usar computadores como ferramentas cognitivas.” (ROJO, 2011, p. 110). É transformar o ambiente de sala de aula, desenvolver cognitivamente seus alunos e sair dos padrões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem os quais estão restritos ao quadro branco e marcador.

Como foi dito anteriormente, existem alguns programas de inclusão digital, tanto para professores, como alunos, mas, principalmente, para os docentes, como uma forma de incluí-los, fazê-los conhecer os mecanismos digitais, como também aprimorar alguns conhecimentos sobre tecnologia. Estes programas, de acordo com Rojo (2011):



“Os programas de inclusão digital frequentemente deixam a desejar e é comum que professores que tenham sido capacitados no uso do computador não consigam exibir nenhuma fluência na execução de tarefas que exijam o uso de ferramentas digitais, por exemplo, montar uma apresentação com recursos adequados. Em outras palavras, os processos de formação de professores para o uso das novas tecnologias ainda precisam ser bastante aperfeiçoados.” (Id, p. 108-109).

A partir daí, pode-se dizer que os programas de inclusão digital que visam à formação continuada dos professores, porém em algumas situações podem deixar a desejar e necessitam de aperfeiçoamento para que assim possam auxiliar os docentes que apresentem dificuldades ao manusear ferramentas pertencentes à esfera da informática.

Outro programa que possui natureza de continuidade quando o assunto é a formação de professores, é a “Proposta de formação continuada à distância (Via web) de professores do ensino médio para as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade” que foi oferecido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE), sobre este, Rojo (2011) também vai dá seu parecer.

“Pretende continuar a oferecer um serviço de alta qualidade em formação continuada de professores, mediada por novas tecnologias, fazendo uso das ferramentas e ambientes de aprendizagem já disponibilizados por programas oficiais no âmbito estadual.” (Id, p. 110).

Em outras palavras, esse programa governamental também visa à formação continuada dos professores que estão em exercício no ensino médio, porém este possui um diferencial, uma vez que sua modalidade é a educação a distância (EaD) e assim, inexistindo a desculpa de que a maioria dos programas de formação continuada são apenas presenciais, uma vez que muitos têm de se deslocarem de suas casas em busca do conhecimento.

Todos esses programas que foram citados irão proporcionar ao professor que ele desenvolva um dos níveis de letramento que é o digital. Diante disso, Freitas (2010) vai dizer que:

“Ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso. Assim, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso e, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua.” (FREITAS, 2010, p. 338).

Então, todo e qualquer professor, dependendo do contexto em que se encontra, precisa está incluído digitalmente nas novas tecnologias para que assim ele possa ter o conhecimento funcional necessário dos aparelhos tecnológicos, como computadores, *tablets*, *smartphones*.

Além disso, o educador precisa lidar com novas ferramentas que renovem sua prática de ensino e “as ferramentas disponíveis no meio digital estão relacionadas a aprender a lidar com



ideias, e não a memorizar comandos.” (Id, p. 338). O professor terá um novo aparato ideológico para que possa chamar atenção do seu aluno. Freitas (2010) considera o letramento digital como:

“O conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente.” (Id, p. 339-340).

A partir do exposto, o letramento digital será indispensável na formação da criticidade do profissional que está em sala de aula, dessa forma fazendo com que ele compartilhe suas vivências sociais e culturais. Porém, um problema ainda insiste em perdurar na formação dos professores, pois de acordo com Freitas (2010):

“A formação inicial de professores ainda está distante de enfrentar computador e internet como instrumentos de aprendizagem. As porcentagens que indicam a presença de disciplinas sobre tecnologias nos currículos dos cursos analisados, por si só, mostram que esse é um esforço ainda muito pequeno. A análise dessas ementas são ainda mais eloquentes para dizerem que o futuro professor não está sendo capacitado para utilizar, em sua docência, os recursos do computador-internet.” (Id, p. 346).

Logo, seria um equívoco criticar os professores que apresentam dificuldades em lidar com ferramentas que envolvem a esfera da tecnologia, uma vez que alguns deles durante sua graduação não foram preparados para o manuseio delas.

CONCLUINDO

Diante das exposições postas no trabalho, o letramento digital é, pois, uma diretriz para o melhor exercício da docência, não somente por ser uma novidade, como também por melhorar as práticas pedagógicas dos professores, a partir do momento que auxilia na interação entre aqueles que ensinam e aprendem, permitindo, dessa forma, que os professores sejam profissionais em constante transformação quando o assunto é a sua formação. Como foi dito nas palavras de Rojo (2011, p.110) “trata-se de aprender, pensar práticas docentes e planejar transformações com tecnologia”, isto é, ser transformado e transformar a partir de uma perspectiva inovadora que é o letramento digital. Além disso, essa é, também, uma prática social que envolve os indivíduos presentes na comunidade escolar, tantos os professores e gestores, como também os alunos que são inseridos juntos a esses na nova era digital da informação.





Contudo, é de extrema importância ressaltar que alguns profissionais da educação ainda não têm o conhecimento ideal para lidar com novos meios de comunicação. Diante disso, o letramento digital surge como uma proposta de trabalho para aqueles que não tiveram a oportunidade de manter contato com os meios que dão suporte a estas novas práticas fazendo com que os docentes vivam em um constante processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- FREITAS, Maria Teresa. *Letramento digital e a formação de professores*. Belo Horizonte: Educação em revista. V. 26, n. 03, 2010. p. 335 - 352.
- MORTATTI, Longo; ROSÁRIO, Maria do. De “analfabeto” a “letramento”. IN: _____ (Orgs.). *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP, 2004. p. 37-47.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto; COLLINS, Heloísa. Letramento digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso. IN: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2011. p. 107 – 136.
- ROJO, Roxane. Letramento (s): práticas de letramento em diferentes contextos. IN: _____. *Letramentos múltiplos: escola e inclusão social*. São Paulo: parábola editorial, 2009. p. 95 – 121.
- SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Campinas: Educação social. V. 23, n. 81, 2002. p. 143 – 160.

